

EDITORIAL

ECONOMIA SOLIDÁRIA - ITES IFAL ECOSOL

É com satisfação que a Incubadora Tecnológica de Economia Solidária IFAL Ecosol (ITES) comemora seus 3 anos de existência – completados neste mês de julho – com a publicação deste número especial que reúne relatos de experiência de trabalhos de assessoria/incubação que vem sendo desenvolvidos por servidores e servidoras com o propósito de potencializar a transformação dos territórios e comunidades por meio do trabalho coletivo e da intercooperação que envolve grupos produtivos, estudantes e egressos/as, instituições e agentes públicos e organizações da sociedade civil.

O ITES IFAL Ecosol surge e se desenvolve reunindo servidores/as que já praticavam uma extensão popular e solidária, ainda que não estivessem claramente identificados/as com esse que, ao mesmo tempo que é um campo de práticas, é também um importante campo de pesquisa, ensino e atuação política. Desde então, temos nos integrado a importantes redes, espaços de debate e articulação da economia solidária, como a Rede IF Ecosol, a Rede Autogestionária de Educação Popular, o Fórum Alagoano de Economia Solidária (FAES), o Conselho Estadual de Economia Solidária, entre outros coletivos. Também temos estabelecido diálogos e desenvolvido atividades em conjunto com outras incubadoras no estado como Unitrabalho, ITES-FEAC, ITES-UFAL/Arapiraca. E, ainda, participado/dialogado com importantes políticas estaduais e federais direcionadas a empreendimentos de economia solidária (EES) pela Secretaria Executiva de Economia Solidária do Estado de Alagoas (SEDICS) e pela Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES), como o Programa de Qualificação Social e Profissional em Economia Solidária (PMQ) e o Programa de Formação Paul Singer de Agentes em Economia Popular e Solidária.

Marco importante da consolidação de nossa incubadora foi a construção, na II Assembléia Anual, realizada em maio deste ano no campus Piranhas, de nossa Missão, Visão e Valores. Foi um momento de debate amplo, participativo e desafiador, na medida em que reuniu servidores/as de diferentes áreas do conhecimento, com

linguagens, objetos e métodos bastante diversos entre si, e que, em função disso, frequentemente enfrentam dificuldades de produzir consensos. Foi um bonito trabalho, efetivamente coletivo, com muitas ponderações e contribuições, para então chegarmos ao texto que segue:

Missão: Promover organizações populares autogestionárias da economia solidária em Alagoas, por meio de processos de incubação que fomentem inclusão social, geração de renda e redução das desigualdades.

Visão: Consolidar-se como uma reconhecida rede de intercooperação, fortalecendo organizações autogestionárias populares até 2026.

Valores: Gestão participativa e democrática; Valorização e integração de saberes e do trabalho; Solidariedade e Cooperação; Inclusão, Equidade e Diversidade; Sustentabilidade e justiça sócio-ambiental; Democratização de tecnologias sociais.

A publicação deste número especial da revista é mais um dos marcos de nosso processo de consolidação. Ele é a primeira vitrine e o primeiro esforço coletivo de sistematização das experiências desenvolvidas em regiões com características bastante diferentes entre si, apontando para a forte presença da incubadora no território do Estado. Os artigos representam trabalhos desenvolvidos na Grande Maceió (campus Maceió, Marechal Deodoro e Satuba), Litoral Norte (Maragogi), Litoral Sul (Coruripe), Zona da Mata (Murici e Viçosa) e Sertão (Santana do Ipanema)¹. Ademais, apontam para o diálogo/colaboração com diferentes grupos produtivos populares, como agricultores/as familiares (assentados de reforma agrária, moradores, arrendatários, etc), meliponicultoras/es, marisqueiras/es, pescadoras/es, artesãs/ãos, organizações não-governamentais.

Antes de iniciarmos, todavia, a apresentação de cada um dos textos, demarcamos aqui o que compreendemos por Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (ITES) a partir do trecho de um dos textos aqui publicados:

(...) conforme proposto por Addor e Laricchia (2018), remete ao trabalho de “fortalecimento de grupos que ainda estão se estruturando, para os quais elas servirão como suporte capaz de fazê-los crescer”, a partir de “ferramentas, técnicas, máquinas e metodologias que sirvam para melhor estruturar seus processos de produção, gestão, comercialização” direcionados não apenas aos rendimentos econômicos mas também à melhoria das condições de trabalho e vida dos envolvidos, em uma diversidade de ações que não se restringem à assessoria a um empreendimento, mas também a “um território, uma

¹Temos outros 8 (oito) núcleos espalhados pelo Estado, desenvolvendo importantes atividades de assessoria e incubação, que não puderam estar representados nesse primeiro momento.

rede de produtores, um espaço de comercialização, uma feira” (p. 15), etc. (trecho do artigo de MELO et. all aqui publicado)

Dito isto, iniciamos a apresentação dos textos em específico, destacando relatos que registram e refletem sobre os resultados da trajetória de uma relação de longa duração produzidos por meio de ações extensionistas e de incubação desenvolvidas por servidores/as com grupos produtivos e territórios, apontando para a consolidação de um compromisso institucional com as comunidades do entorno dos campi. É o caso do artigo *“Extensão e incubação como comunicação: ITES IFAL Ecosol e camponeses/as do vale do paraíba alagoano”* e do artigo *“Economia Solidária e empoderamento das mulheres da AMAJE através de ações extensionistas do Instituto Federal de Alagoas”*. Em ambos, destacam-se resultados mais antigos e recentes de uma relação de cerca de 10 anos de trabalhos conjuntos entre servidores/as e comunidades nos territórios da zona da mata (Viçosa) e litoral sul (Coruripe), que se materializam em ações pontuais que se desdobraram, ao longo do tempo, no fortalecimento das comunidades e associações envolvidas.

Também temos exemplares de um tipo de incubação bastante complexa e fecunda, que é a incubação de territórios, promovendo espaços de debate, criação e produção que extrapolam grupos para alcançar comunidades, trabalhando uma diversidade de atividades produtivas com potencial para geração de renda e desenvolvimento territorial. É o caso dos artigos *“Extensão Tecnológica e Economia Solidária: diálogos entre o IFAL Maragogi e os empreendimentos populares”* e *“Costurando quintais: agroecologia, extensão e turismo de base comunitária no Assentamento Nova Jerusalém”*, que relatam a experiência de projetos que têm fomentado e construído soluções para o turismo de base comunitária e para a produção agroecológica, ao mesmo tempo em que fortalecem a autonomia e inserção produtiva de mulheres, o trabalho coletivo e promovem uma valorização da cultura local. Já o artigo *“Desafio de ideias como ferramenta para diagnóstico e incubação territorial”* aponta para uma experiência de produção de diagnóstico e soluções, envolvendo estudantes do campus Marechal Deodoro, para o desenvolvimento territorial da comunidade ribeirinha Riacho Velho.

Outros projetos representam um tipo de incubação que se materializa em ações pontuais, de produção de soluções para um problema e contexto específicos, fortalecendo a organização produtiva de diferentes comunidades e setores. É o caso

das ações envolvendo mulheres e jovens em torno da meliponicultura na região de Murici, relatadas no artigo *“Meliponicultura e o despertar do protagonismo feminino e de jovens do município de Murici por meio de ações extensionistas vinculadas à Economia Solidária”*; das ações de reaproveitamento de alimentos junto a feirantes, com foco na produção de subprodutos como geleias, doces, polpas e compotas, relatadas no projeto *“EcoFrutas: Sustentabilidade e Geração de Renda a partir do Reaproveitamento de Frutas”*; da experiência do fomento à produção de cosméticos naturais junto a mulheres em situação de vulnerabilidade social atendidas pelo CRAS, relatadas no artigo *“Beleza que empodera: produção de cosméticos naturais como incentivo ao empreendedorismo feminino”*, desenvolvido no campus Satuba; e, ainda, das atividades de assessoria para gestão de comunicação em redes sociais promovida pelo campus Maceió, que podem ser reconhecidas no artigo *“Comunicação Digital em instituições do terceiro setor: relato de experiência de projeto de extensão no Instituto Ideal”*.

Por fim, duas experiências ilustram um esforço institucional de articulação de ações que colaboram para ampliação e fortalecimento da autonomia feminina. É o caso do artigo que relata processos de capacitação realizados por servidores/as do campus Satuba junto a mulheres agricultoras familiares no sentido de destacar a importância do trabalho feminino nas áreas e atividades produtivas rurais, intitulado *“Mulheres Empreendedoras da Agricultura Familiar: a Extensão Rural como ferramenta de formação para alunas do Curso Superior de Tecnologia em Laticínios”*. E é também o caso do artigo intitulado *“Entre Saberes e Resistências: Economia Solidária e empoderamento feminino no sertão alagoano”*, que promoveu uma série de atividades, entre rodas de conversa, oficinas de capacitação e acompanhamento das práticas produtivas, articulando formação crítica e desenvolvimento de habilidades e para o fortalecimento do trabalho coletivo.

Esperamos que a leitura do conjunto dos artigos, ou daqueles que mais interessa ao/à leitor/a, possa trazer uma dimensão da importância da atuação da ITES IFAL Ecosol no sentido de produzir e disseminar tecnologias sociais com potencial para fortalecer comunidades, territórios e grupos produtivos populares.

Editores convidados:

Beatriz Medeiros de Melo - Coordenação Sistêmica do ITES IFAL Ecosol (2024-2026)

Rodrigo de Melo Lucena - Coordenação Sistêmica do ITES IFAL Ecosol (2025-2027)